

## “Vais quebrar pedras em Israel!”

---

JAYME ZAMIR (ZIMERMAN)

### O ambiente familiar em Porto Alegre

Nasci em Porto Alegre em 1935, o sexto filho do “seu” Jacob e da “dona” Paulina, imigrantes da Polônia que chegaram ao Brasil em 1924. Meus pais vieram de Wlodawa, um *shtetl*\* situado no nordeste da Polônia, que atualmente faz fronteira com a Ucrânia e a Bielorrússia. De todos os filhos, fui o que menos aprendeu o *idisch*. Isto se deve talvez ao fato de que meus pais rapidamente se entrosaram na sociedade brasileira e à língua portuguesa. Meu pai se identificava com o partido marxista sionista Poalei Tzion\*, mas não me lembro de ter assimilado em casa sua ideologia.

Morávamos no centro do Bom Fim, o bairro dos judeus, levando um padrão de vida médio, como a maioria dos judeus da comunidade gaúcha.

Meu pai tinha uma pequena confecção de bonés fabricados em casa. Alguns anos após a Segunda Guerra, ele se instalou numa loja no Centro de Porto Alegre. Era um homem de bom coração e honesto, mas sem muito talento para o comércio e, em pouco tempo, passou adiante o negócio. Preferiu trabalhar como viajante, comercializando produtos no interior do Rio Grande do Sul.

Na rua em que morávamos, a Fernandes Vieira, não havia edifícios altos. Todos se conheciam e os moradores sentavam-se do lado de fora de suas casas para conversar. Nós, as crianças, jogávamos futebol na rua, com uma bola feita de meias velhas. Aos domingos, andando pelo bairro, sentia-se o ar impregnado do cheiro do tradicional churrasco gaúcho.

Nos anos de 1940, o que marcou minha identidade judaica foi o convívio com amigos e colegas da mesma origem, além da participação no clube Círculo Social Israelita e o ambiente judaico no “gueto” do Bom Fim. Recordo-me que, nos anos da Segunda Guerra, meu pai ficava grudado no rádio e protestava veementemente contra o nazismo. Posteriormente, principalmente nos anos 1947-1948, as reações se voltaram contra os árabes. Obviamente, o clima dentro de casa e o contato com os amigos influenciaram minha formação judaica pró-Israel.

Aos 8 anos de idade, no auge da guerra, minha professora do primário, a Srta. Júlia, descendente de alemães, costumava dirigir-se a mim e a outros judeus da classe por “fulano” e “sicrano”, enquanto ela chamava os colegas não judeus pelos seus nomes. Anos mais tarde, quando íamos jogar futebol com amigos no bairro, ao encontrarmos a professora solteirona, zombávamos dela, e dávamos o “troco” por suas atitudes discriminatórias.

Lembro-me de outra perseguição: nos dias de sábado de Aleluia, eu, e de forma geral a coletividade judaica, não saía de casa com medo de apanhar e receber chicotadas como se fôssemos Judas. Num destes sábados, um tio meu foi espancado e teve que ser hospitalizado.

Recordo-me que minha mãe acendia velas às sextas-feiras recitando as tradicionais preces em *idisch*. Festejávamos a *Pessach*\* todos os anos com a família reunida. Nos dias de *Rosh Hashaná* e *Yom Kippur*\*, acompanhava meus pais à sinagoga, somente para “marcar ponto” e cumprimentar familiares e brincar com os amigos.

Não cursei o primário da escola israelita de Porto Alegre, provavelmente por problemas financeiros. Se o tivesse feito, talvez tivesse aprendido um pouco mais da língua *idisch* e da cultura judaica. Por outro lado, meus pais fizeram questão de realizar a cerimônia do meu *Bar-Mitzvá*\*. Passei meses estudando o capítulo da Bíblia que deveria recitar na sinagoga, e assim aprendi a ler hebraico.

### Tornei-me sionista

Eu era muito jovem quando foi deflagrada a guerra de Independência de Israel, em 1947-1948. No entanto, frequentei as palestras dos representantes da Agência Judaica, que vinham a Porto Alegre e discursavam em *idisch*. Na ocasião, projetavam filmes documentários e de propaganda, dando ênfase à absorção de imigrantes em Israel, do seu progresso e também trechos da guerra, do que vinha ocorrendo. Sempre que aparecia a bandeira de Israel, eu aplaudia com muito entusiasmo, induzindo, às vezes, a multidão presente a me seguir.

Creio que já possuía uma tendência a um entusiasmo veemente, manifestada por impulsos de exaltação e “patriotismo”, característica que me acompanhou nos primeiros anos de vivência no movimento juvenil até abraçar totalmente a ideologia e metas do *Habonim Dror*.

Aos 11 anos de idade, frequentei o Dror por algumas semanas. Abandonei-o por algo que provavelmente atingiu minha sensibilidade, e voltei a participar aos 15-16 anos, a convite de amigos e na procura de um ambiente social judaico. A sede do Dror era próxima à minha casa, o que facilitava as coisas. Assim, comecei a me integrar na *kvutzá*\* *hechalutz* (o pioneiro) cujo *madrich*\* era o Chico (Oscar Zimmermann)<sup>97</sup>. Para minha sorte, o grupo era constituído de jovens inteligentes e sérios. Nos reuníamos aos sábados à tarde, para ouvir palestras sobre temas relacionados a Israel e política internacional, ou sobre assuntos gerais. As atividades frequentemente terminavam no bar “João”, na Avenida Osvaldo Aranha, onde, ao redor de sanduíches e café, continuávamos a bater papo.

---

<sup>97</sup> Veja nota de rodapé nº 151 nas memórias de Abrão Slavutzky.

No começo tudo era festa: novas amizades, passeios, jogos esportivos, danças, canções e palestras. Com o passar do tempo, o movimento tornou-se minha segunda moradia e eu participava com assiduidade de todas as atividades da *kvutzá* e do *snif*\*.

Através de seminários, debates e discussões, fui aprendendo e compreendendo o significado ideológico do sionismo socialista: O sionismo como componente da identidade judaica e a preservação do judaísmo em uma base territorial, constituindo um Estado/Nação como centro político, com atributos de origem histórica em sua cultura, língua e tradições e a necessidade dos judeus de voltar às origens para apoiar o desenvolvimento do país. Entendia o socialismo como ideologia de certa forma utópica, almejando a igualdade social, fraternidade, justiça em bases democráticas. Consequentemente, identifiquei-me com o ideal pioneiro de emancipação do povo judeu em Israel, em uma sociedade coletivista e socialista – e, neste contexto, o *kibutz* era a solução ideal para a realização pioneira (*chalutziana*). Naqueles anos, o movimento *Habonim Dror* enviava seus *chaverim* ao *kibutz* “brasileiro” Bror Chail.

Em 1952, aos 17 anos, tornei-me *madrich* de um grupo de jovens e dei minha primeira palestra sobre as consequências da revolução industrial. Vibrei ao perceber que havia vencido minha timidez e falta de segurança. Estava tão entusiasmado pela tarefa educativa que me aprofundei nela, e estudei livros de psicologia sobre adolescente.

Na mesma época fui designado bibliotecário. Minha função era organizar e administrar o empréstimo de livros numa pequena sala da sede: isto foi para mim mais uma vitória, mostrando-me que era capaz de executar e administrar tarefas. Creio que esta capacidade de enfrentar o público, executar e administrar era uma qualidade que eventualmente iria adquirir mesmo sem pertencer ao movimento juvenil. Mas não tenho dúvida de que, havendo começado relativamente jovem nas atividades do Dror, consegui um “delta” adicional de valores que posteriormente me foram muito úteis tanto na vida civil quanto profissional.

## O período ideológico do Dror

Nos anos 1952-1954, as expressões que mais se ouviam entre os *chaverim* de 17 a 20 anos do Dror eram: profissionalização ou proletarização; proselitismo; decisão do “Seminário da Lapa”\*; militância integral; concepção de vida e de mundo; coletivismo (*shituf*); pioneirismo (*chalutzit*); *aliá*\* e *kibutz*. Minha *kvutzá* era constituída de cerca de 20 *chaverim*, entre moças e rapazes, todos estudantes dos últimos anos do pré-vestibular com sérias intenções de entrar para a universidade. Neste ínterim, militantes do movimento, principalmente de São Paulo e do Rio, costumavam ir a Porto Alegre para dar seminários. Permaneciam, por períodos de vários meses, enfatizando os aspectos educativos, ideológicos e organizacionais do *snif*. Entre eles figuravam: Nachman Falbel (Nunho)<sup>98</sup>; David Fainguelernt (Dadinho)<sup>99</sup>; Henrique (Tzvi) Chazan e Zício Simbalista.

<sup>98</sup> Veja suas memórias nesta coletânea.

<sup>99</sup> Fez parte do sexto *garin*. Em 1955 integrou-se ao *kibutz* Bror Chail, preencheu funções de secretário-geral e secretário de planejamento econômico. Graduou-se em Economia na Universidade de Beer Sheva. Por diversos anos atuou como diretor financeiro operacional do Conselho Regional Shaar Haneguev.

Éramos da primeira geração de líderes depois do “Seminário da Lapa”, que abandonou os estudos universitários para se dedicar integralmente ao movimento e seus objetivos.

Nós, que tínhamos entre 17 e 20 anos, nos reunimos em três ocasiões, durante 2-3 dias, num casarão na praia de Ipanema, bairro de Porto Alegre, para realizar seminários e debates que foram liderados principalmente pelo Nunho. A temática girava em torno das teorias dos ideólogos do sionismo socialista: Ber Borochov\*, Berl Katznelson\*, Aharon David Gordon\*; dos princípios do marxismo e assuntos referentes a Israel e à vida kibutziana. Nestas atividades, seguindo o modelo do “Seminário da Lapa”\*, éramos induzidos a nos posicionar sobre os objetivos ideológicos do movimento. Ou seja, deveríamos nos identificar e abraçar, de forma total, sua ideologia para num futuro próximo nos integrar a um grupo que faria *aliá*. Além disso, deveríamos nos tornar militantes em tempo integral, para levar adiante as atividades organizacionais e educativas do Dror.

Esta fase de conscientização e a dinâmica de autoconvencimento ideológico levou vários de nós a confrontos existenciais acompanhados de profundas angústias. Como deveríamos agir? Abandonar os estudos, sacrificando o sonho pessoal e dos nossos pais de ver seus filhos “doutores” ou seguir nosso caminho de pessoas livres e fiéis aos ideais do movimento?

Tal processo de autoconscientização transcorreu num clima pacífico, sem grandes conflitos com a posição do movimento. No entanto, ouvia-se pelos cantos, em conversas particulares, que muitos não abandonariam os estudos, principalmente por razões pessoais.

Acatei a ideologia do movimento e de seus objetivos sem muitos questionamentos. Meus pais e irmãos não se intrometeram nas minhas decisões, mas lembro, por exemplo, a frase dita por minha mãe: “Vais quebrar pedras em Israel!”

Minha ambição era estudar arquitetura. Anos mais tarde, com a experiência de agricultor adquirida no *kibutz* Bror Chail, estudei agronomia na Faculdade de Rechovot, Israel.

Parte do meu grupo do *snif* Porto Alegre aderiu ao ideal *chalutziano* e efetivaram a *aliá* a Israel. Outros se dedicaram à militância integral no Dror. Fui um deles. A maioria optou por abandonar o movimento – principalmente sob influência e/ou pressão dos pais – e continuar os estudos universitários para ter um diploma, uma profissão “nobre” e serem bons judeus no Brasil.

Certa vez, participei de uma reunião de *chaverim* para discutir o abandono coletivo do Dror. Eu não havia sido convidado, provavelmente por conhecerem minhas ideias. Mesmo assim compareci à reunião. Até hoje tenho dúvidas se tive alguma influência, mas não se tomou nenhuma decisão coletiva conforme era previsto por alguns *chaverim*. Naqueles tempos, abandonar o movimento era considerado uma espécie de “traição” e “covardia”. Provavelmente, o abandono coletivo diminuiria a “vergonha” que cada um sentiria se o fizesse individualmente.

## No *Machon*\* – entre teoria e realidade

Em 1956, fui escolhido para participar de um ano de experiência e de estudos em Israel, de movimentos juvenis na Diáspora da Agência Judaica (*Machon*\*), em Jerusalém. Do Dror do Brasil foram: Levy Gurvitz (Gur)<sup>100</sup>, Léo Zalztein<sup>101</sup>, Bernardo (Dov) Zeltzer<sup>102</sup> e Léa (Issler) Weil<sup>103</sup>. Todos nós retornamos do *Machon* para atuar no movimento e realizamos a *aliá*.

No *Machon* estudei hebraico, *tanach* (Velho Testamento), história e filosofia do povo judeu, sobre as diversas *alioth* e processo da construção do Estado de Israel, e também sobre a cultura e tradições do povo judeu e do novo país. Conheci jovens de movimentos juvenis de vários países. Tive a oportunidade de conviver com um país que tinha apenas 8 anos de criação desde a independência, conhecer e trabalhar em *kibutzim* e assim familiarizar-me, em parte, com a vida coletiva kibutziana.

O ano de estudos e atividades em Israel me possibilitou reforçar minha “bagagem” ideológica nas teorias do sionismo socialismo chalutziano, assim como no conteúdo do judaísmo, tema este que era, ao meu parecer, muito pouco trabalhado no movimento brasileiro.

Apesar das restrições de estar num ambiente e “incubadeira” de estudos, consegui sentir e conhecer a realidade do país e do *kibutz*, e desta forma perceber que havia diferenças entre as teorias e ideias aprendidas no movimento e a realidade.

No ano do *Machon*, tive poucas oportunidades de conhecer a vida da cidade e conviver com os problemas políticos e socioeconômicos do jovem país, mas foi possível sentir o choque cultural que havia entre asquenazitas e sefaraditas.

Uma das maiores decepções que tive ao longo daquele ano ocorreu durante os três meses de *hachshará*\* no *kibutz* Ifat. Lá, os *chaverim* do *kibutz* nos consideravam apenas como força de trabalho, e os jovens *sabras*<sup>104</sup> da nossa idade não se entrosavam conosco. É possível que se achassem diferentes e superiores.

Naqueles meses de convivência no *kibutz* de veteranos e em algumas semanas no *kibutz* Bror Chail, percebi que o princípio teórico kibutziano segundo o qual “cada um dá ao coletivo segundo suas possibilidades e recebe de acordo com suas necessidades” era relativo: havia diferenças desde a formação, a educação e a cultura de cada um. Desta forma, embora a maioria se enquadrasse nos princípios do coletivismo kibutziano, havia algumas distorções.

<sup>100</sup> Foi secretário-geral (*mazkir*) do movimento em 1959-1960, integrou-se ao *kibutz* Erez e posteriormente a Bror Chail. Graduiu-se em Economia de países emergentes na Universidade de Tel Aviv. Atuou nas áreas de cooperativismo agrícola e desenvolvimento rural integrado na América Latina, Ásia e África.

<sup>101</sup> Fez parte da Secretaria Nacional (*mazkirut artzit*) do Dror do Brasil. Membro do oitavo *garin* que fez *aliá*\* para o *kibutz* Erez em 1961 e posteriormente a Bror Chail. Retornou ao Brasil em 1964.

<sup>102</sup> Fez parte do oitavo *garin* e integrou-se ao *kibutz* Erez em 1961. Estudou Economia na Universidade de Beer Sheva. Atuou como representante da companhia Chemical Israel no Brasil e representou o Banco Hapoalim na Venezuela e no Uruguai.

<sup>103</sup> Fez parte do oitavo *garin* e integrou-se ao *kibutz* Erez em 1960. Posteriormente, transferiu-se, junto com a família, ao *kibutz* Bror Chail. Em 1964 retornou ao Brasil.

<sup>104</sup> Denominação para os nascidos em Israel.

Contudo, adaptei-me à realidade, aceitando e compreendendo, que mesmo com certos problemas, o caminho ideológico do movimento era correto.

O ano no *Machon* reforçou minha identidade judaica e afinidade ao jovem país, enriquecendo meus conhecimentos culturais e ideológicos e me oferecendo elementos e instrumentos para melhor poder colaborar nas atividades do movimento ao regressar ao Brasil.

### No movimento depois do *Machon*

Em 1957, ao retornar ao Brasil, fui designado para atuar no *snif* Rio e, em seguida, em São Paulo. Um ano depois fui eleito secretário-geral do movimento nacional.

Nesta época, o movimento *Habonim* Dror contava com aproximadamente mil *chaverim*, de Recife até Porto Alegre, e na *hachshará* em Jundiá havia cerca de 30 *chaverim* que se preparavam para fazer *aliá* para o *kibutz* Erez, próximo a Ashkelon.

A *Hanhagá Artzit*\* se localizava na rua Prates, no “gueto” paulista do Bom Retiro, e na minha equipe tive a sorte de contar com gente séria e dedicada, como Levy Gur (responsável pelo setor de educação); Léó Zalstein (tesoureiro); David Roizman (Dudu Raz) (assuntos de cultura), e outros colaboradores. Nós, da *Hanhagá Artzit*, vivíamos em regime de comuna (*shituf*). Recebíamos uma mesada da *tnuá* e assim era possível manter um padrão de vida básico. O grupo da *hanhagá* vivia em harmonia, sem choques ou crises ligadas à pressão da comuna ou do trabalho. Lembro que o encarregado financeiro do *shituf*, que na época não pertencia à *hanhagá*, gastava junto com a namorada mais do que o estipulado. Isto, porém, não foi motivo de discórdias.

Da minha geração dos anos 1954-1955, alguns se definiram pelos objetivos do movimento e foram para a *hachshará*\* para um período de treinamento agrícola que antecedia a ida do grupo para o *kibutz* em Israel. Passei na *hachshará* nove meses, juntamente com outros 15 *chaverim*, num sistema de vida coletivista. O objetivo era nos acostumar ao trabalho físico na agricultura e conviver social e culturalmente como se estivéssemos em um *kibutz*. Éramos poucos, mas conseguimos dar conta de todas as tarefas da fazenda agrícola. Ao mesmo tempo, pude desenvolver aptidões artísticas e cheguei a pintar um mural na sala de cultura.

Em 1960, com mais 10 *chaverim*, fiz *aliá*. Integrei-me ao *kibutz* Bror Chail a exemplo dos *chaverim* do sétimo *garin*\*, apesar de haver convivido nos últimos anos no movimento com *chaverim* do oitavo e nono *garin* que se preparavam para ir ao *kibutz* Erez. Talvez devesse juntar-me ao grupo de Erez, mesmo sabendo das dificuldades na absorção dos brasileiros, especialmente por causa do choque cultural com os *sabras* veteranos do *kibutz*<sup>105</sup>. Em Bror Chail fui responsável pela agricultura intensiva e pelo cultivo do algodão, beterraba e trigo. Paralelamente, fiz parte da comissão responsável pelo movimento no *kibutz* (*vaadat tnuá*). Constituí minha família no *kibutz* casando com minha atual esposa, Dorit, com quem tive dois filhos *sabras*, Natan e Ruth.

<sup>105</sup> Sobre este assunto veja as memórias de David Raz (Dudu) nesta coletânea.

## Reflexões sobre a época radical do Dror

Sem dúvida, um dos marcos históricos do Dror foram as decisões tomadas no “Seminário da Lapa” de São Paulo em 1950, em que se decidiu pelo abandono dos estudos universitários, pela profissionalização, pela militância integral no movimento e pela incorporação dos pioneiros do movimento ao *kibutz* Bror Chail.

Para a época, as decisões foram muito importantes para reforçar o movimento, tanto em termos ideológicos quanto nos seus aspectos organizacionais. Hoje, passados 56 anos do processo de definição da “Lapa” em Porto Alegre em 1954, me pergunto se foi correta a atitude radical adotada em relação aos gaúchos “droristas” ao colocá-los “contra a parede”, sem meio-termo, num momento especial em suas vidas, em vez de permitir que buscassem seu destino e realizassem suas aspirações profissionais. A situação e a dinâmica dos *chaverim* de Porto Alegre era diferente daquelas existentes em São Paulo e no Rio de Janeiro. Deveríamos ser mais flexíveis, permitindo, principalmente aos *chaverim*, que abandonariam o movimento, conciliar a ideologia do Dror com as aspirações pessoais de cada *chaver*.

Se o movimento não fosse tão intransigente em relação à militância integral e não visse negativamente os estudos universitários, provavelmente poucos estariam dispostos a realizar as tarefas educativas e organizacionais do Dror e fazer *aliá* para o *kibutz*. Porém, se houvesse maior tolerância, talvez não tivéssemos perdido tantos jovens inteligentes e talentosos que poderiam ter se juntado a nós em Israel, com formação profissional, e que eventualmente teriam contribuído para o desenvolvimento da sociedade israelense, tanto no *kibutz* como na cidade.

Eu mesmo, como secretário-geral do movimento brasileiro no biênio 1958-1959, segui a linha dura, exigindo autodefinição em relação aos estudos e militância no Dror e *aliá*. Na época, eu era ideologicamente rígido. Contudo, penso que era tolerante para os casos especiais, procurando compreender os companheiros tentando convencê-los em vez de pressioná-los.

Um amigo me lembrou de que nos anos 1952-1955 eu era muito fanático nas minhas convicções. Creio que ele tinha razão. De fato, eu era muito radical em relação aos princípios adotados pelo movimento; assimilei a ideia do sionismo e socialismo e a vida no *kibutz* de forma integral; justificava plenamente o abandono dos estudos e a necessidade de trabalhar no Dror dia e noite.

Outro amigo, que pertenceu ao movimento Betar de Porto Alegre, comentou em Israel que nós, do Dror, éramos muito fanáticos. Interessante, na época nós achávamos que eles eram os radicais. Pelo visto, ambos estavam certos! Este radicalismo, em suas variantes, era próprio da juventude judaica idealista e sonhadora, e se manifestou no término da Segunda Guerra, quando se tornaram públicas as atrocidades cometidas pelos nazistas contra os judeus. Em 1959, por exemplo, representando os movimentos juvenis na comemoração do Dia da Independência de Israel na Hebraica de São Paulo, enfatizei que o lugar de todos os judeus era na jovem nação de Israel. Fui criticado por alguns membros da coletividade por arrogância. Mas se eles

tenham razão na constatação, nem por isso perde-se a autenticidade do espírito que animava o comentário.

Vivi no *kibutz* Bror Chail até o ano de 1976. Ao longo destes anos, estive duas vezes a trabalho no Brasil. Primeiro como *sheliach\** no *Ichud Habonim* em 1963-1965. Neste período, levando em consideração minha vivência no *kibutz* e em Israel, fui mais liberal na questão dos estudos dos líderes do movimento, permitindo a cada um escolher seu próprio futuro. Depois, nos anos 1973-1975, fui representante dos Ministérios do Exterior e da Agricultura de Israel em projetos agrícolas para o desenvolvimento do Nordeste Brasileiro. Esta etapa da minha vida – tanto no movimento quanto no *kibutz* – foi muito importante para minha formação ética e humana, assim como os valores culturais, ideológicos e profissionais, que continuo cultivando, aqui em Israel, por todos estes anos.